



## ENTREVISTA

Entrevistada: *Silvana Sampaio*  
Professora de Arte, escritora e contadora de histórias

Por *Karina de Rezende-Fohringer*<sup>1</sup>  
e *Karyna Boamorte Daher*<sup>2</sup>  
(via endereço eletrônico)

### 1. Quem é a Silvana Sampaio?

**N**asci, em outubro de 1952, na cidade de São Paulo. Com 26 anos, mudei-me para Vitória- ES, onde vivo até hoje. Costumo dizer-me “paulixaba”: uma mulher de raízes paulistanas, cujos galhos flores e frutos brotaram no Espírito Santo, terra a qual entreguei meu coração.

Sou professora, contadora de histórias e escritora, assim mesmo, nessa sequência. Sou muito mais professora que contadora de histórias e muito mais contadora de histórias que escritora. Acho que já nasci professora e contadora de histórias porque desde pequena dava aulas e contava histórias para minhas bonecas e para minhas amiguinhas. Escrever sempre foi uma prática de vida, mas nunca pensei em publicar, tanto que meu primeiro livro só foi publicado em 2000, quando já estava com quase 50 anos, e que foi escrito por necessidade, dele falarei depois quando responder à pergunta sobre meus livros.

Fiz o curso Normal, como era chamado o curso que é hoje o Magistério e prepara professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Em seguida, fiz uma especialização para trabalhar com Educação Infantil, pois já trabalhava nessa área desde os 17 anos. Cursei a Faculdade de Artes Plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, também com ênfase na educação, preparando-me para exercer o magistério em salas mais avançadas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Finalmente, cursei

---

<sup>1</sup> *Karina de Rezende-Fohringer* é Professora Doutora em Letras (com ênfase em Estudos Literários pela UFES). Durante o Doutorado, obteve bolsa CAPES (Bolsa Sanduíche na Espanha) e FAPES. Dedicar-se à pesquisa sobre a literatura produzida por mulheres. É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e do IHGES.

Endereço eletrônico: karinafohringer@gmail.com

<sup>2</sup> *Karyna Boamorte Daher* é Graduada em Recursos Humanos (UVV) e faz pós-graduação em Psicopedagogia (Faculdade Saberes).

Endereço eletrônico: karynabdaher@gmail.com

uma especialização em Docência do Ensino Superior que me habilitou a dar aulas em Faculdades (coisa que nunca fiz porque sempre gostei muito do trabalho com crianças e adolescentes). Toda essa fase de formação e início de profissionalização aconteceu em São Paulo.

Tive muita sorte no início de minha carreira profissional de ter trabalhado numa escola de Educação Infantil. Foi lá que comecei a tomar consciência da importância de contar histórias, prática que me acompanhou ao longo da vida, mesmo quando trabalhei com crianças e jovens de níveis mais avançados de escolarização. Fazia parte da rotina dessa escola contar uma história, diariamente. Lá também aprendi a importância dos registros escritos como forma de reflexão sobre o ensino e a educação – tínhamos, cada um de nós professores, um caderno de relatórios semanais de todas as atividades que desenvolvíamos, bem como a reação das crianças, as dificuldades encontradas, por nós e por elas, o que havia dado certo, etc. Tudo isso era, em reunião semanal, discutido com a pedagoga, a orientadora educacional e a psicóloga da escola. Muitas vezes me aborreci com essa prática. Só mais tarde me dei conta do quanto ela foi importante para mim, pois foi a partir dela que surgiu a Silvana escritora, observadora e habituada a refletir sobre os mais diferentes assuntos da vida. Sou muito grata a essas profissionais experientes e exigentes do Jardim Escola Alto de Pinheiros, que iluminaram os caminhos que eu percorreria no futuro.

Atualmente, trabalho com formação de professores e de novos contadores de histórias, conto histórias onde sou convidada, escrevo e divulgo meus livros que já são adotados por inúmeras escolas capixabas.

## **2. Você ouvia muitas histórias quando era criança? Quem as contava? Como você se sentia?**

**N**asci numa família de contadoras de histórias, cujos relatos permearam a minha infância. Esse foi o motivo de muito cedo ter descoberto o fascínio e o encantamento proporcionado pelas histórias e que acabaram provocando em mim o desejo imenso de aprender a ler.

Tenho recordações de um período de vida em que era pouco mais que um bebê, sentada numa cama macia e fofinha e, se ficar bem quieta ainda ouço a voz de minha bisavó Angelina contando-me histórias em italiano. Elas eram todas rimadas e lidas em pequenos jornais envelhecidos pelo tempo que ela guardava ciosamente para entreter os netos e bisnetos. Eu não entendia nada, mas gostava imensamente da voz dela, dos sons e da cadência dos diálogos poéticos. Isso, mais tarde, ensinou-me a escolher o repertório de histórias para crianças bem pequenas. A sonoridade, não apenas das músicas, mas também das palavras, sempre as encanta e faz com que elas fiquem atentas.

Minha avó, Wanda, contava também muitas histórias com os mais variados temas. A grande característica de suas histórias era envolver a nós, crianças ouvintes, como personagens de suas narrativas. Não éramos personagens principais, mas estávamos sempre nas cenas narradas, com pequenas atribuições ou como meros espectadores. Nunca vou me esquecer de ter carregado o véu de noiva das muitas princesas encantadas, ou de ter ficado embaixo da mesa de banquete das festas reais comendo guloseimas derrubadas, sem querer, por um conviva. Wanda ensinou-me o quanto as crianças gostam de participar das histórias dando-me mais uma pista para escolha de repertórios que selecionaria no futuro.

Minha mãe, Déa, teve importância fundamental na minha formação de leitora. Muito cedo, descobri as maravilhas guardadas nos livros. Todas as noites, ela fazia meu irmão e eu adormecermos com uma história, que era sempre lida. Foi ela que nos apresentou os clássicos da literatura infantil em sua linguagem original, sem a pasteurização a que foram submetidos nos tempos atuais. Isso foi fantástico porque cada vez mais nosso vocabulário se enriquecia. Além disso, tais histórias nos permitiram lidar, sem o sabermos, no plano inconsciente, com sentimentos tão humanos como o ciúme, a inveja, a cobiça, e tantos outros. Mais ainda, aprendemos com tais narrativas a capacidade de vencer pela inteligência, pela persistência e que, certamente, nos deram a percepção de que sempre há uma saída para as dificuldades da vida. Contos de fadas devem fazer parte do repertório de todo o contador de histórias!

Devo falar também de tia Zélia, irmã de minha avó, que eu encontrava ocasionalmente quando ela visitava São Paulo, reunindo a família que se sentava na cozinha da casa de vovó para ouvi-la contar suas peripécias pelo mundo. Ela o fazia com graça, elegância e bom humor e prendia a atenção de todos nós, crianças e adultos. Muitas dessas histórias depois foram registradas nos livros que escreveu e que hoje correm o mundo em diversos idiomas. Trata-se de Zélia Gattai, autora de *Anarquistas Graças a Deus*, *Chapéu para Viagem*, dentre tantos outros. Zélia ensinou-me o quanto relatos de vida podem ser belos e atraentes para os ouvintes. Isso ajudou-me, sobremaneira, como professora e contadora de histórias para adolescentes.

As estas maravilhosas criaturas com quem convivi na infância, adolescência, juventude e maturidade minha eterna gratidão. Todas foram motivadoras de poemas, que reuni a outros tantos, dando origem ao meu segundo livro.

### 3. Quando e por que você começou a contar histórias? Qual foi a primeira história contada por você?

**M**inhas primeiras ouvintes, aliás bastante passivas, foram minhas bonecas. Como todas as crianças, eu repetia, nas brincadeiras, cenas do cotidiano e, para mim, ouvir histórias fazia parte do cotidiano. Provavelmente, a passividade das bonecas permitiu-me trabalhar a espontaneidade e a expressividade, comportamentos tão importantes para tornar bonita uma narrativa oral.

Nessa época, contava histórias também para minhas amiguinhas e, inconscientemente, aprendia coisas. Algumas vezes, as histórias não agradavam e eu era por elas deixada falando sozinha. Aprendi, assim, a lidar com a frustração de nem sempre encontrar um público receptivo. Algumas vezes, não muitas, já na vida adulta, deparei-me com essa situação. Muitas consegui revertê-la, mudando o tipo de história, fazendo o público participar da narrativa; outras não. Há público tão desabitado a atividades como essa, que seria preciso fazer um trabalho regular, como sempre fiz nas escolas em que trabalhei, para que pudesse descobrir o encantamento de parar, concentrar-se, ouvir e deixar-se mergulhar no sonho.

A primeira história que contei não me lembro, mas lembro-me bem de uma que era muito apreciada pelas crianças com quem trabalhei no início de minha carreira como professora. Chama-se *O lobo e os cabritinhos*. Trata-se de uma narrativa mesclada com músicas, muito ao gosto dos pequeninos. Aprendi essa história na infância, ouvindo-a em um disquinho colorido de vinil que tocava na vitrola. Coisa antiga, não é? Era a tecnologia começando a invadir os espaços de encontro dos seres humanos.

Recordo-me sim, da primeira história que contei para um público adulto, de talvez 300 pessoas, que me fez tremer nas bases. Foi no final de um curso ministrado pela equipe da Biblioteca Nacional-PROLER, em Vitória. Para mim foi um enorme desafio porque grandes públicos sempre me intimidaram. Esse desafio mostrou-me a possibilidade de contar histórias não apenas para meus alunos, mas também em todos os lugares. Conte *Sonhos*, um conto de Moacyr Scliar, estava muito nervosa, mas, minha performance foi apreciada e fui muito aplaudida. Excelente motivação que me levou a prosseguir ampliando meu universo de espectadores.

Por que conto histórias? Ora, sempre acreditei que uma sociedade leitora pode ser uma sociedade melhor, mais humana e, como fui seduzida pela leitura porque ouvi muitas histórias na infância, ler sempre me proporcionou muito prazer. Os livros me fizeram companhia; o prazer de ler fez de mim uma pessoa estudiosa. Por que então não lançar mão da mesma estratégia para seduzir novos leitores e levá-los aos livros? Foi o que fiz e vou continuar fazendo, enquanto Deus me permitir! Simples assim.

Devo confessar que contar histórias também faz muito bem para mim! É mágico ver o encantamento nas fisionomias daqueles que me escutam. Olhos que brilham... Sorrisos... Expressões faciais que se modificam... Bocas abertas, embasbacadas... Uma delícia!

#### 4. Qual é o papel do contador de histórias?

Penso que, inicialmente, a meta do contador de histórias é de promover o encantamento pelos textos que narra, e, como consequência, provocar o desejo em seus ouvintes de irem aos livros por si mesmos. Há contadores que contam histórias apenas pelo espetáculo artístico em si e, ainda assim, mesmo sem o saberem, acabam aproximando seu público dos livros. Apenas dão um pouco mais de trabalho para seus ouvintes que terão que descobrir por si mesmos de onde vêm aqueles textos.

Devo mencionar também que o ato de ouvir e contar histórias promove o encontro entre pessoas, abrindo espaço para o diálogo, tão necessários num tempo em que vivemos mergulhados nas atividades altamente individualizantes, promovidas pelo desenvolvimento tecnológico.

Minha experiência como professora-contadora-de-histórias foi muito rica. Lia, contava, apresentava apenas fragmentos de texto de algum livro, dizia poesias e isso fazia com que meus alunos, de todas as faixas etárias, me aguardassem ansiosos esperando sempre por uma novidade. Ligações de afeto e confiança estabeleceram-se a partir dessas situações, o que tornou minha vida de professora muito mais suave. Eles gostavam de mim, confiavam em mim, falavam-me de suas vidas. Algo semelhante com as ligações de afeto e confiança que estabeleci na infância com as mulheres contadoras de histórias de minha família e que trago comigo até hoje, mesmo depois de elas terem partido para outro plano.

**5. Não basta querer contar histórias. Onde você se capacitou para ser uma contadora de histórias? Quais são as técnicas necessárias para contar histórias?**

**T**odos somos contadores de histórias em potencial, mas como você mesma afirma, são necessários alguns cuidados para que elas, de fato, encantem quem as ouve.

Muito do que desenvolvi para contar histórias foi intuitivo, provavelmente registros inconscientes do que vivenciei ouvindo-as na infância. Só mais tarde comecei a refletir sobre isso e acabei elencando alguns itens que entendo como importantes e que uso quando dou curso para formar novos contadores de histórias. Cursos que ministro desde meados da década de 1990.

No início da década de 1990, a Biblioteca Nacional tinha um programa de incentivo à leitura, chamado PROLER, que percorria os estados brasileiros promovendo seminários, cursos e oficinas. No ES, foram promovidos muitos encontros para formação de professores e bibliotecários. Eles traziam grandes escritores de literatura infantojuvenil, ilustradores, contadores de histórias, teóricos da literatura, e durante 3 ou 4 dias promoviam uma maratona de cursos, palestras e oficinas. Participei de todos os seminários aprendendo muita coisa com grandes contadores de histórias como Benita Prietto, Celso Sisto, Eliana Yunes, Gregório Filho, Marilda Castanho e tantos outros. Na época, tive também contato com Marina Colassanti, Afonso Romano de Santana, Angela Lago, Bartolomeu Campos Queiroz e outros escritores de renome.

Foi um período muito rico em aprendizado que, somado à experiência que já possuía, me habilitou para num breve futuro começar a dar cursos formando novos contadores de histórias e incentivadores da leitura.

Quanto às estratégias para se tornar um bom contador de histórias, menciono como primeira, e mais importante: gostar de ler e ler muito, ser um apaixonado pela beleza dos textos escritos, só assim será possível descobrir e selecionar as histórias que irá contar pela qualidade literária dos textos, pela sonoridade das palavras, pela adequação dos conteúdos e tamanhos das histórias, segundo os interesses e possibilidades de cada faixa etária. Para isso, é preciso que o contador de histórias tenha também alguns conhecimentos sobre as fases do desenvolvimento infantojuvenil.

Para que o desempenho do contador seja bom, é preciso que ele saiba que contador de histórias não é ator de teatro. Ele não está interpretando, mas narrando. Deve segurar seu público com os olhos, com as expressões faciais, com a modulação da voz e uma boa dicção, com a observação permanente de imprimir um ritmo adequado à cada narrativa, com movimentos comedidos de corpo. O contador de histórias não deve nunca perder o foco de que a grande estrela em uma sessão de narrativa oral é o texto narrado e não quem o está narrando.

Para grupos de crianças com pouca idade, o contador de histórias poderá lançar mão de recursos materiais que o ajudem a segurar o foco de atenção dos pequeninos como um boneco, um bicho de pelúcia, um fantoche, máscaras, um objeto, o próprio livro ilustrado (caso o grupo seja pequeno e todos possam enxergar). Enfim, aquilo que sua criatividade lhe sugerir para reforçar a ideia da história, de um determinado personagem. Crianças pequenas precisam quase sempre de um apoio visual junto com a narrativa. É muito importante que ao final de cada narrativa o nome da história e do autor sejam mencionados e, melhor ainda, se o contador mostrar o livro de onde ele retirou a história.

#### 6. Como você escolhe as histórias que irá contar?

**E**m primeiro lugar, devo dizer que o contador de histórias deve iniciar sua escolha de repertório pelas histórias que gosta. Costumo recomendar que não contem histórias que, por algum motivo, não o encantaram, pois, mesmo sem o querer, você também não a tornará encantadora para o público. E não se preocupe com isso porque certamente ela atrairá a outro contador de histórias que a contará, ou então, ela realmente não valia a pena ser contada. Além disso, mesmo que você não tenha se identificado com o tal livro, se ele tiver valor literário, se você é professor ou se é bibliotecário, deve colocá-lo nas prateleiras, estantes, “caixinhas de leitura”, para que seja lido e apreciado pelos outros.

Tendo feito essa introdução, posso dizer com segurança que no meu repertório só estão as histórias que gosto. Em segundo lugar, elas são selecionadas pela faixa etária do grupo que vai ouvi-las. Caso o grupo seja heterogêneo, procuro mesclar histórias que possam agradar a todos.

Na seleção de repertório, levo em consideração o lugar em que vou contar as histórias. Em hospitais, por exemplo, levo histórias alegres que levantem o ânimo de quem as escuta. Nada que possa deprimir o público que, por força das circunstâncias, já está sofrendo. O mesmo é levado em consideração quando o grupo de ouvintes é de idosos e, nesses casos, vou com repertório alegre e bem pequeno, muito mais predisposta a ouvi-los. Eles sempre têm muitas histórias para contar. Aprendo muito e eles ficam muito felizes em dividir suas histórias!

#### 7. Você tem uma história preferida? Se sim, qual é ela e por quê?

**C**omo disse anteriormente, só conto as histórias que gosto. Entretanto, há três histórias que me tocam mais o coração por motivos absolutamente pessoais.

Uma delas é uma narrativa em versos de autor desconhecido e sem título, que aprendi na infância com minha avó. Ela é muito apreciada pelo público jovem e adulto porque para os jovens significa um mergulho num universo que não vivenciaram e para os mais velhos, um despertar de recordações de situações já vividas.

Trata-se da história de um caipira e, por isso, é narrada na linguagem característica das pessoas que nasceram e viveram no interior de São Paulo (de erres muito fortes e palavras pronunciadas de uma forma bem peculiar). Ele vai morar no Rio de Janeiro no início do século XX e vive as venturas, desventuras e aventuras de andar pela cidade no Bonde do Cascadura, transporte público usado na época, implantado e explorado pela empresa inglesa Light. É uma história toda rimada, o que dá a ela uma sonoridade agradável, além de ter um conteúdo bem-humorado e jocoso.

A outra história que gosto muito é a do *Lobo e dos Cabritinhos*, que já mencionei anteriormente. Ela remete-me à infância de meus filhos, hoje homens feitos, que a ouviram muitas vezes e, até hoje, brincam comigo pedindo: “ Mãe, conta a do Quim-cóin-cóin” (onomatopeia que é parte do refrão da música cantada pelos cabritinhos durante a história e que, para eles, virou o nome da história). Já comecei a contá-la, ou melhor cantá-la para minha neta. Ela ainda é um bebê. Bem que gosta!

Chego, então, a uma fábula pela qual tenho especial apreço que foi recontada por muitos autores e encontra-se em inúmeros livros. Trata-se de *A Formiga e a Neve*. Seu reconto

aparece em duas versões: uma em que a formiga é punida pela sua persistência e morta no final da história, com um cunho ideológico claramente alienante e que reforça a submissão; outra em que a formiga é premiada pelas virtudes da perseverança. Naturalmente, é essa a versão que conto.

Gosto dessa história porque descobri com ela que, muitas vezes, contamos histórias para nós mesmos. Durante um determinado período de minha vida, embora eu já tivesse um bom repertório de histórias memorizadas, todas as vezes em que era convidada para contar, ela sempre estava presente. Anos mais tarde, refletindo sobre meu fazer como contadora de histórias, e também sobre minha vida, descobri que era para mim que contava aquela história para nela buscar a perseverança e a persistência da formiguinha em um período muito difícil da minha vida. Concordo com Antonio Candido quando diz que os seres humanos precisam tanto da ficção quanto do sonho durante o sono, e que se privados de um deles podem enlouquecer.

#### **8. Quais são os prazeres e as amarguras de ser uma contadora de histórias?**

**D**os prazeres acho que já falei sobre o encantamento das pessoas durante o desenrolar das narrativas. É inesquecível e emocionante. Outro, foi ver o acervo das bibliotecas muitíssimo movimentado nas escolas em que trabalhei e mantive projetos regulares de contação de histórias para todas as turmas. Isso sempre me deixou muito feliz. Outra alegria é encontrar antigos alunos e ouvir o quanto se lembram das histórias que contei e da saudade que sentem. Gosto muito também dos beijos e abraços que recebo, principalmente das crianças, após as sessões de histórias.

Quanto às amarguras, diria que é só uma: a falta de percepção da maioria dos gestores escolares em não valorizar a atividade do contador de histórias como um trabalho capaz de enriquecer o currículo de seus alunos. Há escolas que contratam caros espetáculos teatrais, musicais, e outros e ao chamarem um contador de histórias querem que ele faça seu trabalho voluntariamente. Posso dizer seguramente que fiz mais trabalhos voluntários do que remunerados. Atualmente, só faço trabalhos voluntários em instituições assistenciais. Não aceito mais voluntariado em instituições que podem, mas não querem remunerar dignamente o trabalho do contador de histórias.

O que direi a seguir é a amargura de quem pensa na educação de um modo geral e não apenas da contadora de histórias: gostaria muito que as escolas de Ensino Fundamental percebessem a importância da atividade do contador de histórias na formação de seus alunos e oferecessem aos professores e bibliotecários cursos que os preparassem e os motivassem para contá-las. E mais ainda, gostaria que incluíssem a contação de histórias e a leitura expressiva de textos poéticos e literários no horário regular, não como uma disciplina obrigatória e maçante para os alunos, mas como verdadeiros momentos de prazer e fruição artística. Algumas poucas escolas já fazem isso em suas bibliotecas.

#### **9. Qual é a faixa etária e a classe social das crianças com as quais você trabalha que melhor interagem com a contadora de histórias? Meninos e meninas se identificam com as mesmas histórias? Como é a recepção de seu trabalho?**

**N**ão conto histórias apenas para crianças, conto também para adultos e já o fiz em convenções, seminários, museus, feiras literárias, asilos de idosos e de deficientes, feiras livres, shopping center, livrarias, praças públicas, bibliotecas

e também em escolas públicas, privadas e faculdades, reuniões de pais, de professores, etc... Sendo assim, meu público tem sido muito eclético.

Em se tratando de escolas, o público mais receptivo, num primeiro momento, é o das crianças, sejam de escolas públicas ou particulares. Os jovens e, principalmente, os adolescentes, costumam resistir um pouco. Olham-me com cara de quem está achando que ouvir histórias é coisa para crianças. Só aos poucos vão relaxando, se envolvendo com as narrativas e, ao final, pedem mais.

Sabendo selecionar o repertório, meninos e meninas apreciam as mesmas histórias. Lendas e fábulas agradam a todos, inclusive aos adultos. Os contos de fadas são especialmente apreciados por crianças entre 7 e 9 anos de ambos os sexos. Os pequeninos se interessam mais por histórias de bichos, histórias cantadas, narrativas ricas em rimas, em sons onomatopaicos e nenhuma dela pode ter longa duração. Em locais públicos, como recebo ouvintes de diferentes faixas etárias, costumo mesclar histórias atraentes para todos.

A apreciação e a receptividade do público estão mais ligadas à escolha do repertório para cada grupo de idade, do que ao sexo e a classe social. Por isso, é importante o contador de histórias conhecer as características e os interesses de cada faixa etária na hora da seleção do repertório.

#### **10. Quais são os investimentos que um contador de histórias deve fazer? O contador de história é devidamente remunerado pelo seu trabalho?**

O contador de histórias não é devidamente remunerado pelo que faz porque tem gastos e, como já mencionei, nem sempre recebe pelo seu trabalho. Gastamos quando participamos de cursos, compramos livros não apenas os de literatura, mas também os que oferecem aporte teórico para a atividade que exercemos, e materiais de apoio que usamos para contar algumas histórias.

Além do dinheiro, o contador de histórias investe tempo, muito tempo! Lendo, para conhecer e selecionar histórias, memorizando-as, ensaiando até que elas cheguem ao ponto ideal para serem divididas com as outras pessoas. Isso envolve: ocupar-se com o ritmo da narrativa, a modulação de voz, os diferentes sentimentos e emoções que a história desperta e que definirão as expressões faciais do narrador, os gestos que reforcem determinadas ideias, sem contar a preparação de materiais de apoio exigidos em algumas narrativas (máscaras, pequenos adornos e outros tantos), que nem sempre são encontrados no mercado para serem adquiridos.

Como foi dito numa das perguntas iniciais da entrevista: “Não basta querer ser contador de histórias, é preciso preparar-se”. Mesmo quando contava ou lia expressivamente histórias para meus alunos, o que fazia quase todos os dias, pelo menos realizava uma leitura prévia e sempre eram textos já conhecidos por mim.



**11. Você acredita que contar histórias ajuda a curar doenças do corpo e da alma? Quero dizer, contar histórias pode “curar” os males da sociedade? Como?**

**A**credito que sim!  
Vejo essa cura por duas perspectivas: uma delas é o ato de contar e ouvir histórias que por si só é um espaço de encontro de pessoas que abre portas para o diálogo e estabelece relações de afeto e confiança entre o grupo. Tenho mencionado muito essa questão em encontros feitos com pais e familiares de várias escolas.

Desde a descoberta da luz elétrica, sua popularização, e todas os inventos tecnológicos que vieram a seguir, nós fomos, paulatinamente, nos afastando uns dos outros, deixando de conversar para interagirmos com as máquinas, e com as pessoas através das máquinas. Encontros passivos como pela televisão, por exemplo, e mais recentemente pelos computadores em encontros à distância, um pouco mais ativos, mas frios e impessoais. As emoções que emergem e são sentidas no contato real transformaram-se em bonequinhos estereotipados que enviamos uns aos outros para expressá-las.

Ao mesmo tempo em que a parafernália tecnológica dos tempos atuais transformou o mundo em uma ervilha, oportunizando maior comunicação entre as pessoas, está também transformando nossos sentimentos e nossas emoções em ervilhas, e o pior, ervilhas secas! Estamos perdendo a capacidade e o prazer de rir juntos e sentir o calor da gargalhada do outro, em chorar juntos e poder sentir o doce e confortador toque do abraço do outro. Enfim, o espaço de partilha de sentimentos e emoções diminui cada vez mais. É absolutamente necessário que tomemos consciência disso e comecemos a criar espaços de encontros reais. Portanto, que pais, avós, tios, professores voltem a contar histórias para suas crianças, permitindo que nesses momentos sentimentos e emoções sejam compartilhados no plano real, aproximando-os afetivamente.

Agora, passemos a olhar para as histórias como conteúdo partilhado pelo contador com seus ouvintes. Sabemos que é preciso primeiro curar cada pessoa, para que a sociedade possa ser curada pela ação desses seres saudáveis. A sociedade é o reflexo de cada um de nós.

Bruno Bethenhein, autor de *Psicanálise dos Contos de Fadas*, afirma que, baseado na observação de seus pacientes, pode perceber que pessoas que tiveram contato com os contos de fadas na infância tornaram-se adultos mais equilibrados emocionalmente.

Clarissa Pinkola Estes, psicanalista mexicana que viveu boa parte da vida nos EUA, fala em seu livro *Mulheres que correm com os Lobos*, a partir de pesquisa realizada com suas conterrâneas, de como os contos populares exercem influência na formação da psique feminina. Fala também da importância dos encontros entre mulheres para trocarem experiências e contarem histórias umas para as outras e como isso influencia no equilíbrio emocional de cada uma delas.

Hoje posso perceber que algo que para mim era apenas intuição, começa a ser abordado em pesquisas e em estudos científicos. Sempre tive a intuição de que as histórias poderiam ser uma alternativa de humanização dos seres, baseada apenas em minha experiência pessoal. Considero-me uma pessoa sensível e emocionalmente equilibrada. Trago comigo a certeza de que nada é para sempre, o que me faz usufruir com alegria as fases boas da vida assim como tenho a compreensão de que os maus momentos são

passageiros. Sei que esses sentimentos e emoções foram em grande parte construídos ou reelaborados pelo contato que tive, e continuo tendo, com a Literatura, seja ela narrada oralmente ou pela leitura. Ora, se tudo isto se deu comigo, por que não posso facilitar processos semelhantes de amadurecimento socioemocional contando histórias e incentivando a leitura, e mais ainda, provocando outras pessoas para que façam o mesmo com as novas gerações?

**12. Além de ser contadora de histórias, você é também escritora. Você também conta histórias que escreveu ou somente narra as escritas por outros escritores?**

Quase a totalidade das histórias que conto são de outros autores. De minha autoria tenho no repertório apenas a *Lenda do Pássaro de fogo*, que é um reconto de uma lenda capixaba escrita de forma poética e um poema intitulado *Carneirinho Carneirão* do livro *Roda Vida*, também de minha autoria.

A Literatura Infantil, de autores brasileiros e traduzida, é tão vasta e tão rica que prefiro abrir espaço no meu repertório para a diversidade, e mesmo assim estou muito longe de contemplar todos os autores que me são caros.

**13. Você escreveu em versos as lendas capixabas contadas por Maria Stella de Novaes. As crianças ainda gostam de ouvir lendas? Qual é a preferida do público? Por quê?**

Sim, em 2013, publiquei o livro *Lendas capixabas em versos* com objetivo de trazer para os jovens e as crianças as maravilhosas histórias que fazem parte do imaginário capixaba. Essas lendas encontram-se em livros de historiadores, recolhidas e/ou narradas por eles, mas numa linguagem pouco adequada ao público infantojuvenil. Além disso, alguns desses livros estão com edição esgotada e sem indicativo de que serem reeditados, como era o caso do livro de Maria Stella de Novaes que foi um dos que pesquisei na época.

O livro teve muita aceitação, por ter uma temática pouco explorada pelos escritores de literatura infantojuvenil do Espírito Santo e, por esse motivo, já estou preparando uma segunda edição para esse ano.

Pelo que pude observar, nas conversas com crianças e jovens que leram o livro, as duas lendas mais mencionadas são a do *Pássaro de Fogo* e *Terra Capixaba*. A primeira fala do surgimento de dois grandes morros que fazem parte da paisagem da Grande Vitória: *Moxuara* e *Mestre Álvaro* e a segunda revela o porquê do nome capixaba. Penso que são mais apreciadas porque contam histórias de algo mais próximo deles seja geograficamente, seja pelo convívio permanente que tiveram desde crianças com o termo capixaba. Ambas são histórias de grandes amores frustrados, o que também os faz apreciarem pela dramaticidade das narrativas.

**14. Em geral, seus livros são classificados como literatura infantojuvenil. Qual é o seu público leitor? Você escreve também para adultos?**

**S**im, quando escrevi *Aventuras de um Vermelho Inquieto* e *Lendas Capixabas em Versos*, pensei nas crianças e jovens. Entretanto, depois de publicados, percebi que eles atraíam também o público adulto.

Na década de 1990, escrevi, por absoluta necessidade, o livro *Aventuras de um Vermelho Inquieto*, obra literária, mas que também promove uma iniciação à História da Arte. Na época, o mercado editorial brasileiro quase nada tinha sobre esse assunto para o público infantil e jovem. Havia também no mesmo período inúmeros movimentos de reorientação curricular para as escolas de Ensino Fundamental e Médio, que apontavam mudanças drásticas no ensino das Artes, incluindo o conhecimento da Arte como produção humana ao longo da história, não mais apenas como atividades de “fazer artístico”, nem do ensino de Desenho Geométrico, como se podia ainda encontrar em muitas escolas.

*Vermelho Inquieto* era o primeiro livro que escrevia com objetivo de publicação. Surpreendentemente, talvez pelo pioneirismo, admito ter feito parte da vanguarda nessa área, o livro recebeu primeiro lugar num concurso de Literatura Infantojuvenil no Estado do ES, e foi publicado em 2000. Hoje, está na 2ª edição e é um livro que agrada também aos adultos, pelo fato de nós, brasileiros, termos ainda muito pouco conhecimento da arte e dos movimentos artísticos construídos ao longo da história da humanidade.

O outro livro que agrada muito aos adultos é o de lendas em versos. Creio que seja porque fazem parte do imaginário popular do nosso estado, que é riquíssimo, e também porque foi escrito em linguagem poética e de fácil compreensão.

Não tenho nenhum livro publicado para adultos, embora também escreva para esse público. Meus textos, poemas, crônicas, contos e artigos estão em inúmeras antologias, em jornais e em revistas.

**15. Há diferenças entre escrever para crianças e escrever para adultos? Por quê? O que é mais difícil?**

**P**enso que não há diferença. As duas escritas envolvem desafios. Para mim, a diferença está no prazer que essa escrita e os desafios que ela provoca serem maiores ou menores. Eu, pessoalmente, prefiro o desafio de escrever para crianças e jovens.

Houve uma determinada época de minha vida em que estive numa encruzilhada: um caminho apontava para o curso de Mestrado em Literatura Brasileira; outro, para continuar a dedicar-me aos livros infantis. Ambos requeriam de mim pesquisa e tempo para o trabalho braçal da escrita. Era uma época que ainda trabalhava muito em sala de aulas como professora, não podia me dedicar aos dois. Optei pela literatura infantil. Não me arrependo!

**16. O escritor Francisco Aurelio Ribeiro, dentre outros autores do Estado, sempre fala a respeito da dificuldade que o escritor capixaba tem de fazer circular seus livros. Como você faz para divulgar a sua própria obra literária?**

**S**im, temos dificuldade, principalmente os escritores que, como eu, publicam seus livros de forma independente com recursos de Leis de Benefício Cultural, que são muitas em nosso Estado. Não temos uma legislação que nos respalde, como pessoas físicas, para emitir nota fiscal pela venda de nossos livros. Esse é um entrave para a comercialização. As livrarias não aceitam nossos livros, que também não podem ser comprados pelas Escolas e Bibliotecas Públicas, uma vez que precisam da nota fiscal para prestarem conta de seus gastos.

Escritores e entidades, como as Academias de Letras do ES, nos últimos tempos, têm se mobilizado para conseguirem uma saída para essa situação que, em muitos casos, nos impede de comercializarmos nossos livros.

A divulgação que fiz e continuo fazendo de meus livros foi e é feita através do meu trabalho como professora e contadora de histórias. Viajei muitas vezes pelo interior do Estado para ministrar cursos sobre Incentivo à Leitura e A Arte de Contar Histórias, tanto a convite do Estado como dos Municípios. Sempre levei meus livros e os fiz vistos. Além disso, fui durante muitos anos coordenadora da área de Artes no município de Vitória. Realizei reuniões com professores de Arte, visitei escolas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil Municipais para discutir questões curriculares com pedagogos e professores. Nessas ocasiões, aproveitei para divulgar meus livros.

Meu trabalho como contadora de histórias tem me levado a muitos lugares públicos, inclusive escolas particulares. Nesses momentos, apresento meus livros. Duas escolas particulares do ES adotam, há dois anos, três títulos dos meus livros para várias turmas.

É um trabalho de paciência e perseverança, que venho fazendo nos últimos 17 anos, desde que publiquei o primeiro livro.

**17. Você é membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Que significado tem essa instituição para nosso Estado. Quais são as vantagens e as desvantagens de pertencer à AFESL?**

**P**reciso dizer da honra que sinto por fazer parte dessa instituição que é a Academia Feminina Espírito-santense de Letras, na qual ingressei há mais de 10 anos e onde, por um mandato, ocupei a função de presidente. A AFESL abriu-me espaço para estar presente de forma mais efetiva na vida cultural do Espírito Santo, tanto divulgando meu trabalho, quanto trabalhando de forma mais abrangente na divulgação da cultura e da literatura produzida no Estado.

A Academia Feminina Espírito-santense de Letras é pioneira no Brasil em acolher mulheres, num tempo em que o preconceito as alijava do mundo cultural. Foi fundada, em 1949, por um grupo de escritoras valentes e guerreiras que, por serem mulheres, não eram aceitas na tradicional Academia de Letras do Espírito Santo.

Atualmente, a AFESL participa de forma ativa da vida cultural e literária do Espírito Santo através de seus membros. Mais que participa, ela promove eventos significativos no cenário capixaba. Já há algum tempo, a AFESL tem dado visibilidade a seus membros, publicando anualmente uma Antologia com textos das Acadêmicas.

**18. Qual livro seu você considera o melhor? Por quê?**

**A**cho difícil responder essa pergunta.. é quase como se me indagasse de qual filho gosto mais... Gosto de todos por motivos diferentes.

Gosto muito de *Aventuras de um Vermelho Inquieto* e de *Lendas Capixabas em Versos* pelo desafio de pesquisa que me impuseram quando os escrevi e também por terem um significado muito grande na época em que foram publicados. O primeiro pelo pioneirismo e pelo que ele representou a todos os professores de Arte que nada tinham como referência da História da Arte para o segmento infantojuvenil; o segundo pelo valor cultural de resgate do folclore capixaba para um público que pouco ou nada conhecia das lendas do Estado. Sonho ainda que o livro de lendas capixabas corra mundo, e que o rico imaginário popular do povo do Espírito Santo possa ser conhecido e reconhecido por todos.

Nada falei ainda sobre *Vento Sul*, minha última publicação, e que me é muito cara também. *Vento Sul* é um livro voltado para o público que está em fase inicial da alfabetização. Seu texto é enxuto e todo rimado. Nele brinquei com a diversidade do dialeto brasileiro que sempre me encantou. Busquei termos diversos que significam a mesma coisa e, ainda assim nos entendemos perfeitamente de norte a sul. Usei para a isso o nome da pipa, brinquedo de papel que as crianças lançam ao vento e que em cada região brasileira possui um nome: pepeta, jereco, cafifa, quadrado, raia, papagaio e por aí vai! Além disso, ele tem uma belíssima ilustração feita pela jovem fotógrafa Luara Monteiro, que imprime um visual bem contemporâneo à apresentação do livro.

Finalmente, volto a falar do livro que mencionei no início da entrevista e que me é muito querido por questões pessoais: *Roda Vida, poemas infantis*. Nele homenageio as muitas mulheres que, de alguma forma, sabendo ou não, influenciaram a minha vida e isso é dito na primeira página do livro, que reúne poemas escritos em épocas diferentes de minha vida. Ainda que seja o livro que menos vende, como quase todo livro de poesia aqui no Brasil, tem um significado emocional muito forte para mim.

**19. Em 2014, durante a programação da Feira Literária Capixaba, foram lançados doze livros de autores capixabas traduzidos em Braille. Qual é a importância desse feito para o Estado?**

**E**m 2014, estava na presidência da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e coordenei, junto com algumas acadêmicas, boa parte da organização do evento. Para que se efetivassem algumas de nossas parcerias com o estado do ES e levantássemos recursos para a viabilização da Feira Literária, deveríamos apresentar como contrapartida acessibilidade a deficientes.

Na época, achei que a acessibilidade física aos cadeirantes era muito pouco e que poderíamos também dar acessibilidade cultural e de conhecimento da produção literária do Espírito Santo aos deficientes visuais. Fui à Biblioteca Pública do Estado, que tem um setor específico para esse público, oferecer para que montassem um estande na Feira Literária, expondo os livros de seu acervo e atendendo, durante o evento, os deficientes visuais que dela participassem. Qual não foi minha surpresa ao descobrir que não havia nenhum livro em Braille de autores capixabas, e que, por isso, não participariam da Feira cujo foco era a apresentação da produção literária do Espírito Santo!

Não me conformei. Procurei o órgão do Estado que produz os textos em Braille para os alunos das escolas públicas e consegui sensibilizá-los a realizarem o trabalho de tradução de alguns exemplares de autores capixabas. A seguir, entrei em contato com diversos autores que forneceram o material de seus livros em arquivos convencionais para que fossem traduzidos para o Braille. Por esse motivo, a Biblioteca Pública Estadual pode participar do evento com um estande que atraiu os visitantes com deficiência visual, que puderam ler e ouvir as histórias do ES (no estande havia também um computador onde era possível ouvir histórias gravadas em áudio). Atraiu também jornalistas, que deram grande visibilidade à iniciativa na imprensa, bem como o público em geral. Ainda mais, todos os livros em Braille produzidos para o evento, ao final da Feira, foram doados à Biblioteca Pública Estadual e hoje fazem parte de seu acervo.

**20. Você teve algum livro escrito também traduzido em braille naquela ocasião? Qual é ele? Qual a importância desse trabalho para você?**

**S**im, na época o livro *Vento Sul*, por ser o que tinha menor texto e por contemplar um público bem específico, foi traduzido. Não quis sobrecarregar a equipe que estava fazendo o trabalho. Queria deixar espaço para que um número maior de autores tivesse seus livros traduzidos. Depois, foi feita a tradução de *Lendas Capixabas em Versos* a pedido dessa mesma equipe. Também foi doado à Biblioteca.

Penso que a acessibilidade ao conhecimento é importante e necessária para todos os seres humanos. Por isso, após a Feira Literária, divulguei a todos os escritores de minhas relações a disponibilidade oferecida pela equipe que nos atendeu, para as traduções, desde que fossem colocados à disposição do público na Biblioteca Estadual.

**21. Qual é o gênero textual (romance, crônica, conto, lenda, poesia etc) que você mais gosta de ler? Por quê? Qual livro está lendo agora?**

**G**osto de todos os gêneros, mas aquele que me dá maior prazer é o romance. Sou cíclica em minhas leituras. Há épocas em que leio, ou releio, toda a obra de um mesmo autor, como fiz há pouco tempo, com a obra de Érico Veríssimo. Havia lido Veríssimo durante a minha juventude. Foi muito bom, porque diferente da leitura feita no passado, meu olhar foi muito mais apurado aos aspectos históricos, sociais e políticos da obra dele.

Também já tive o ciclo dos romances espíritas psicografados por Chico Xavier. Li todos, logo depois de ter lido a obra completa escrita por Alan Kardec sobre a Doutrina Espírita. Apreendi muito.

Leio por prazer. Por isso, não tenho nenhum escrúpulo em abandonar um livro sem terminá-lo, quando não me agrada, ou de ler *Best Sellers*, caso me agradem, a despeito das críticas dos intelectuais. Já o fiz algumas vezes.

Muitos livros são desencadeadores de roteiros de filmes. Por ter feito o curso de Arte, gosto de estabelecer analogias entre a linguagem do cinema e a literária. Atualmente, estou lendo um romance, que já assisti em filme, chamado *Charllotte Street*, de Danny Wallace, um *Best-seller* americano. Antes desse, fiz o mesmo com outro *Best-Seller* americano que não lembro o nome (essa é mais uma de minhas características como leitora: leio para me divertir, para me encantar, para viajar na imaginação e no sonho,

por esse motivo vivo aqui-agora das histórias que leio, sem a menor preocupação em guardar títulos e nomes de autores, apenas fruo). Agora estou vivendo a fase livro-filme. Antes desses dois que mencionei acima, reli *Gabriela Cravo e Canela* e assisti ao filme que, por incrível que pareça, não havia assistido ainda.

**22. “Ler é viajar sem sair do lugar”... essa é uma afirmação muito citada. Pode-se dizer o mesmo quando ouvimos uma história? Viajamos todos adultos e crianças para o mesmo lugar? É uma viagem sem volta?**

**S**im, essa afirmação é absolutamente real, tanto para a leitura quanto para as histórias ouvidas. Ambas permitem que a imaginação corra solta, criando diferentes imagens de mundos fantásticos, de lugares longínquos que talvez nunca visitemos; possibilitam também a identificação com sentimentos, atitudes, emoções, personagens. Com elas, aprendemos, nos modificamos, nos tornamos mais sensíveis, mais humanizados.

Não acredito que viajemos todos para o mesmo lugar. As viagens são pessoais e individuais de acordo com as experiências, os conhecimentos, a empatia com o texto e personagens. Espero, sinceramente, que empreendamos viagens a cada história, a cada livro, que sejam viagens com volta! Muitas voltas, para que possam haver novas idas, sempre em busca de novas histórias... novos poemas... novos livros...

*Santos, 12 de março de 2017.*